



“Esta história é  
incrivelmente original.  
Você não vai parar  
de pensar nela por  
muito tempo.”

**STEPHEN KING**

A white swing set is centered on a black background. Two vertical chains hang from the top, connected to a horizontal bar. A white rectangular seat is suspended from the bar. The chains and seat are positioned behind the title text.

# A CORRENTE

A horizontal band of red, stylized grass or reeds is located at the bottom of the cover, above the author's name.

**ADRIAN MCKINTY**

1ª edição



EDITORA RECORD  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Mckinty, Adrian, 1968-

M429c

A corrente [recurso eletrônico]/ Adrian McKinty; tradução de Clóvis Marques. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2019.  
recurso digital

Tradução de: The Chain

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso:  
world wide web Inclui bibliografia

ISBN 978-85-01-11805-9 (recurso eletrônico) 1. Ficção inglesa. 2.  
Livros eletrônicos. I. Marques, Clóvis. II. Título.

19-57927

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

TÍTULO ORIGINAL: THE CHAIN

Copyright © 2019 by Adrian McKinty Texto revisado segundo o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em  
parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram  
assegurados.

Este livro é uma obra de ficção e, exceto no caso de fatos históricos, quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11805-9

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site

[www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba

informações sobre nossos lançamentos

e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: [sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)



Há alguma sabedoria naquele que, com um olhar sombrio, considera este mundo como uma espécie de inferno.

Arthur Schopenhauer, *Parerga e Paralipomena*, 1851

We must never break the chain.

Stevie Nicks, "The Chain" (fitá demo), 1976

# Sumário

## Primeira Parte | Todas as garotas desaparecidas

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Segunda Parte | O monstro no labirinto

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Posfácio e agradecimentos

**PRIMEIRA PARTE**  
**TODAS AS GAROTAS DESAPARECIDAS**

# 1

*Quinta-feira, 7:55*

Ela está sentada no ponto de ônibus, verificando as curtidas no seu Instagram, e só repara no sujeito armado quando ele já está praticamente em cima dela.

Ela poderia ter largado a mochila e saído correndo pelo pântano. É uma garota ágil de 13 anos e conhece bem os brejos e os pontos com areia movediça de Plum Island. No ar da manhã, paira uma leve neblina marítima, e o sujeito é grande e desajeitado. Ficaria nervoso se precisasse sair correndo atrás dela e certamente teria de desistir antes de o ônibus escolar chegar, às oito.

Tudo isso passa pela cabeça dela em um segundo.

O homem agora está de pé bem à sua frente. Está usando uma touca ninja preta e aponta a arma para o peito dela. Ela arqueja e deixa o celular cair. Está bem claro que não é nenhuma pegadinha nem uma piada de mau gosto. Já é novembro. O Halloween foi na semana passada.

— Sabe o que é isso? — pergunta ele.

— É um revólver — responde Kylie.

— É um revólver apontado para o seu coração. Se você gritar, resistir ou sair correndo, eu atiro. Entendeu?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Ok. Muito bem. Fica calma. Bota essa venda. O que a sua mãe fizer nas próximas vinte e quatro horas vai determinar se você continua viva ou morre. E quando... se nós libertarmos você, não vamos querer que consiga nos reconhecer.

Tremendo, Kylie cobre os olhos com a venda acolchoada de elástico.

Um carro estaciona ao lado dela. A porta se abre.

— Entra. Cuidado com a cabeça — diz o homem.

A menina caminha desajeitada até o carro, e a porta se fecha assim que ela entra. Sua mente está a mil. Ela sabe que não devia ter entrado no

carro. É assim que garotas desaparecem. É assim que garotas desaparecem todo dia. Se entrar no carro, já era. Se entrar no carro, nunca mais se aparece de novo. Não se deve entrar no carro de jeito nenhum, tem de se dar meia-volta e sair correndo. E correr muito, muito.

Tarde demais.

— Coloca o cinto nela — diz uma mulher na frente.

Kylie começa a chorar sob a venda.

O sujeito se senta ao seu lado no banco de trás e afivela seu cinto de segurança.

— Por favor, tenta ficar calma, Kylie. A gente não quer te machucar — diz ele.

— Isso só pode ser algum engano — retruca ela. — Minha mãe não tem dinheiro. Ela só vai começar no emprego novo em...

— Diz pra ela parar de falar! — manda a mulher, do banco da frente.

— Isso não tem nada a ver com dinheiro, Kylie — explica o sujeito. — Olha só, fica quieta, tá?

O carro arranca num atoleiro de areia e cascalho. A mulher acelera passando uma marcha seguida da outra.

Pelo barulho, Kylie percebe que estão atravessando a ponte de Plum Island e estremece ao ronco do ônibus escolar que passa por eles.

— Devagar — diz o homem.

As travas elétricas são acionadas, e Kylie se xinga por ter perdido uma oportunidade. Podia ter soltado o cinto, aberto a porta e se jogado do carro. O pânico começa a tomar conta dela.

— Por que vocês estão fazendo isso? — geme.

— O que eu digo pra ela? — pergunta o homem.

— Não diz nada. Só pra ela fechar essa boca — responde a mulher.

— Você precisa ficar quieta, Kylie.

O carro segue em alta velocidade, provavelmente pela Water Street, perto de Newburyport. Kylie se obriga a respirar fundo. Inspirar, expirar, inspirar, expirar, do jeito que aprendeu nas aulas de meditação. Ela sabe que, para continuar viva, precisa obedecer e ter paciência. Ela passou direto do sétimo para o nono ano. Todo mundo diz que é inteligente. Precisa ficar calma, observar o que está acontecendo e aproveitar as oportunidades.

Aquela garota da Áustria sobreviveu, e aquelas outras de Cleveland também. E ela viu no *Good Morning America* a entrevista com a menina

mórmon de 14 anos que foi sequestrada. Todas sobreviveram. Tiveram sorte, mas talvez não fosse apenas sorte.

Ela engole mais uma onda de terror, que quase a sufoca.

Kylie percebe que o carro está entrando na ponte da Rota 1 em Newburyport. Eles estão atravessando o rio Merrimack e seguindo para New Hampshire.

— Mais devagar — diz o sujeito, e o carro segue a uma velocidade menor por alguns minutos, mas aos poucos volta a acelerar.

Kylie pensa na mãe. Ela ia para Boston de carro hoje de manhã para uma consulta com a oncologista. Coitada da mamãe, isso vai...

— Ai, meu Deus! — exclama a mulher ao volante, apavorada.

— Que foi? — pergunta o sujeito.

— Acabamos de passar por uma viatura estacionada na fronteira estadual.

— Tudo bem, acho que estamos... não. Jesus! Eles estão vindo de giroflex ligado — diz o sujeito. — Ele vai mandar você encostar. Você está correndo demais! Vai ter que parar....

— Eu sei.

— Mas tudo bem. Ninguém deve ter relatado o roubo do carro ainda. Ele estava naquela ruazinha em Boston havia semanas.

— O problema não é o carro, o problema é *ela*. Me dá o revólver.

— E você vai fazer o quê?

— O que a gente pode fazer?

— Podemos levar na conversa — insiste o homem.

— Com uma garota raptada e vendada no banco de trás?

— Ela não vai falar nada. Não é, Kylie?

— Não. Prometo — choraminga Kylie.

— Manda ela ficar calada. Tira esse negócio da cara dela e manda ela abaixar a cabeça e olhar pro chão — diz a mulher.

— Fica de olhos bem fechados. Nem um pio — manda o homem, tirando a venda de Kylie e forçando a cabeça dela para baixo.

A mulher para no acostamento, e o carro da polícia provavelmente faz o mesmo atrás dela. Está olhando para o policial pelo retrovisor.

— Ele está anotando a placa. Deve ter comunicado pelo rádio também — diz ela.

— Tudo bem. Conversa com ele. Vai dar certo.

— Todos esses policiais rodoviários safados têm câmeras na viatura,

não têm?

— Não sei.

— Já devem estar atrás desse carro. De três pessoas. Vamos ter que esconder o carro no celeiro. Talvez por anos.

— Não exagera. Ele só vai te multar por excesso de velocidade.

Kylie ouve os passos do policial que salta da viatura e se aproxima do carro.

Então escuta o vidro da porta do motorista sendo aberto.

— Deus do céu — suspira a mulher enquanto o policial se aproxima.

A bota do policial para de fazer barulho quando ele chega à janela aberta.

— Algum problema, seu guarda? — pergunta ela.

— Senhora, sabe a que velocidade estava?

— Não.

— Registrei oitenta e quatro. Isso aqui é uma zona escolar de quarenta no máximo. Imagino que não tenha visto as placas.

— Não. Eu não sabia que tinha uma escola por aqui.

— Mas tem placas por todo lado, senhora.

— Desculpa. Eu não vi.

— Preciso conferir a sua... — O policial se detém. Kylie sabe que ele está olhando para ela. E ela está tremendo.

— Senhor, é sua filha? — pergunta o policial.

— É — responde o homem.

— Mocinha, quer olhar para mim, por favor?

Kylie levanta a cabeça, mas mantém os olhos bem fechados. Ela continua tremendo. O policial percebe que há algo errado. Numa fração de segundo, o policial, Kylie, a mulher e o homem ficam pensando sobre o que fazer em seguida.

A mulher emite um som gutural e ouve-se um tiro.

## 2

*Quinta-feira, 8:35*

Era para ser uma consulta de rotina com a oncologista. O exame semestral para ver se está tudo bem e se o câncer de mama ainda está em remissão. Rachel disse a Kylie que ela não precisava se preocupar, pois estava se sentindo ótima e certamente estaria tudo sob controle.

Por dentro, é claro, ela sabe que talvez a situação não esteja sob controle. A consulta estava agendada para a terça-feira antes do Dia de Ação de Graças, mas, na semana passada, ela havia feito alguns exames de sangue e, ao ver os resultados, a Dra. Reed pediu a Rachel que fosse ao consultório esta manhã. Logo cedo. Nascida em Nova Escócia, no Canadá, a médica é uma mulher equilibrada, austera, inabalável, nem um pouco dada a reações de pânico ou exageradas.

Rachel tenta não pensar no assunto enquanto dirige, seguindo para o sul pela I-95.

Para que se preocupar? Ela ainda não sabe de nada. Talvez a Dra. Reed tenha antecipado todas as consultas para passar o feriado no Canadá.

Rachel não se sente doente. Na verdade, faz uns dois anos que não se sente assim tão bem. Houve um momento em que chegou a pensar que era a filha preferida do azar. Mas as coisas mudaram. O divórcio agora ficou no passado, e ela anda ocupada preparando as aulas de filosofia para o novo emprego, que começa em janeiro. O cabelo que havia caído com a quimioterapia voltou a crescer quase todo, ela recobrou as energias e está até ganhando peso. Mentalmente, o preço desse último ano já foi pago. Ela voltou a ser a mulher organizada e no controle de tudo que tinha dois empregos para poder mandar Marty para a faculdade de direito e comprar a casa em Plum Island.

Ela tem apenas 35 anos. Uma vida inteira pela frente.

*Bate na madeira, pensa ela, dando com o nó dos dedos num pedacinho*

verde do painel que espera que seja de madeira, mas desconfia de que seja de plástico. Na bagunça misteriosa da mala do Volvo 240 até tem uma velha bengala de carvalho, mas não vale a pena arriscar a vida para alcançá-la.

O celular informa que são 8h36 agora. Kylie deve estar saltando do ônibus e passando pelo pátio com Stuart. Ela manda uma mensagem de texto para a filha com a piada boba que passou a manhã inteira guardando para este momento: O que o marceneiro foi fazer na ópera?

Um minuto depois, como Kylie não respondia, Rachel manda a resposta: Ajudar no concerto.

Mas ainda nada.

Não era difícil, escreve Rachel.

Kylie resolveu ignorá-la deliberadamente. *Mas*, pensa Rachel, com um sorrisinho, *aposto que Stuart está rindo*. Ele sempre ri de suas piadas bobas.

Agora são 8h38, e o trânsito está ficando mais pesado.

Ela não quer chegar atrasada. Nunca se atrasa. Quem sabe se sair da interestadual e pegar a Rota 1...

No Canadá, comemora-se o Dia de Ação de Graças numa data diferente, ela se lembra de repente. A Dra. Reed deve ter antecipado a consulta porque não gostou dos resultados dos exames. “Não”, diz ela em voz alta, balançando a cabeça. Ela não vai entrar na velha espiral de pensamentos negativos. Ela está progredindo. E, mesmo que ainda tenha um passaporte para o Reino dos Doentes, isso não a define. Isso ficou no passado, junto com o trabalho como garçonzete, como motorista de Uber e com o fato de ter caído na conversa de Marty.

Finalmente ela está se valendo de todo o seu potencial. Agora é professora. Está pensando em sua primeira aula. Talvez Schopenhauer seja pesado demais. Talvez deva começar com a piada sobre Sartre e a garçonzete no Deux...

O telefone toca e ela se sobressalta.

*Número desconhecido.*

Ela atende pelo viva voz:

— Alô?

— Você tem que se lembrar de duas coisas — diz uma voz distorcida eletronicamente. — Número um: você não é a primeira e certamente não será a última. Número dois: lembre-se, não é pelo dinheiro. É pela Corrente.

*Isso só pode ser uma pegadinha*, diz uma parte de seu cérebro. Mas outras estruturas do cerebelo, mais profundas e antigas, começam a reagir com algo muito parecido com o que só pode ser descrito como puro terror animal.

— Acho que você ligou pra pessoa errada — diz ela.

A voz prossegue, sem se abalar:

— Dentro de cinco minutos, Rachel, você vai receber a ligação mais importante da sua vida. Você terá que parar o carro no acostamento. E precisa ficar bem atenta. Vai receber instruções detalhadas. É melhor deixar o celular carregado e ter caneta e papel em mãos pra anotar essas instruções. Não vou dizer que as coisas serão fáceis pra você. Os próximos dias serão bem difíceis, mas a Corrente vai ajudar você a passar por isso.

Rachel sente frio. Um gosto amargo na boca. A cabeça parece flutuar.

— Vou ter que chamar a polícia ou...

— Nada de polícia. Nem pensar. Você vai se sair bem, Rachel. Você não teria sido escolhida se nós achássemos que não daria conta. O que vamos pedir a você pode parecer impossível no momento, mas está perfeitamente dentro das suas possibilidades.

Um estilhaço de gelo percorre sua espinha. Um vazamento do futuro para dentro do presente. Um futuro aterrorizante que, ao que parece, vai se revelar em poucos minutos.

— Quem está falando? — pergunta ela.

— Reze pra nunca descobrir quem somos e do que somos capazes.

A linha fica muda.

Ela verifica a tela outra vez, mas, de novo, nem sinal do número de quem ligou. Mas aquela voz... Firme e distorcida; segura, arrogante, hostil. O que a pessoa quis dizer com essa história de ligação mais importante da sua vida? Ela olha pelo retrovisor e sai da pista rápida para a intermediária, caso realmente receba outro telefonema.

Puxa, nervosa, um fio de linha que está se soltando do suéter vermelho no exato momento que o iPhone toca de novo.

Outra ligação de número desconhecido.

Ela arrasta o ícone de fone verde para atender.

— Alô?

— É Rachel O'Neill? — pergunta a voz. Uma voz diferente. Uma mulher. Uma mulher que parece muito transtornada.

Rachel tem vontade de responder *Não*, pensando em evitar o desastre que está a caminho, dizendo que na verdade voltou a usar o sobrenome de solteira, Rachel Klein, mas sabe que não vai adiantar. Nada que ela diga ou faça vai impedir essa mulher de falar que o pior aconteceu.

— Sim — responde então.

— Sinto muito, Rachel, tenho péssimas notícias. Você está com caneta e papel pra anotar as instruções?

— O que aconteceu? — pergunta ela, agora de fato apavorada.

— Eu sequestrei a sua filha.

*Quinta-feira, 8:42*

O mundo vem abaixo. O céu está caindo. Ela não consegue respirar. Nem quer respirar. A sua menina! Não. Não é verdade. Ninguém levou Kylie. Essa mulher não tem voz de sequestradora. É mentira.

— Kylie está na escola — retruca Rachel.

— Não está. Está aqui comigo. Eu sequestrei a sua filha.

— Você não... Isso é uma piada de mau gosto.

— Estou falando sério. Pegamos a Kylie no ponto de ônibus. Vou mandar uma foto dela.

Chega anexada a foto de uma menina vendada no banco de trás de um carro. Ela está usando o mesmo suéter preto e o casaco de lã caramelo que Kylie vestiu ao sair de casa hoje. A garota tem o mesmo narizinho arrebitado e sardento e os cabelos castanhos com reflexos ruivos de sua filha. É ela.

Rachel se sente enjoada. Sua visão fica turva. Ela larga o volante. O Volvo sai da pista, e os outros carros começam a buzinar.

A mulher continua falando.

— Você tem que ficar calma e escutar com atenção tudo o que vou dizer. Você tem que fazer como eu fiz. Anotar todas as instruções e seguir tudo à risca. Se não obedecer ou se chamar a polícia, você vai pagar por isso, e eu também. Sua filha vai morrer e o meu filho também. Então é melhor anotar tudo o que eu vou dizer.

Rachel esfrega os olhos. Dentro da sua cabeça há um estrondo que parece uma onda gigante prestes a quebrar em cima dela e deixá-la em pedacinhos. A pior coisa que podia acontecer no mundo está de fato acontecendo. *Já* aconteceu.

— Quero falar com a Kylie, sua piranha! — grita ela, agarrando o volante para ajeitar o Volvo na pista, desviando de uma carreta por centímetros. E então sai da última pista e para no acostamento. Freia

fazendo o carro derrapar e desliga o motor ouvindo buzinas e xingamentos.

— A Kylie está bem, por enquanto.

— Vou chamar a polícia! — berra Rachel.

— Não vai, não. Preciso que você se acalme, Rachel. Eu não teria escolhido você se achasse que é do tipo que perde o controle. Eu me informei. Eu sei sobre Harvard e sobre sua recuperação do câncer. Sei do seu novo emprego. Você é uma pessoa organizada, e tenho certeza de que não vai estragar tudo. Porque, se isso acontecer, o negócio é o seguinte: a Kylie vai morrer e o meu filho também. Então pega logo um pedaço de papel e começa a anotar.

Rachel respira fundo e apanha uma agenda na bolsa.

— Ok — diz.

— Você está na Corrente agora, Rachel. Nós duas estamos. E a Corrente vai se proteger. Portanto, a primeira coisa é: nada de polícia. Se você falar com a polícia, as pessoas que comandam a Corrente vão saber e vão me mandar matar a Kylie e escolher outro alvo, e eu vou fazer isso. Eles não estão preocupados com você nem com a sua família; eles só se preocupam com a segurança da Corrente. Entendeu?

— Nada de polícia — concorda Rachel, atordoada.

— A segunda coisa são os telefones. Você vai comprar celulares descartáveis pra usar uma vez só, como eu estou fazendo agora. Entendeu?

— Entendi.

— Terceiro: vai ter que baixar o navegador Tor pra entrar na dark web. É complicado, mas você consegue. Você vai usar o Tor pra procurar o InfinityProjects. Está anotando?

— Estou.

— InfinityProjects é só um nome. Não quer dizer nada, mas no site você vai encontrar uma carteira de Bitcoin. Você pode comprar Bitcoins pelo Tor em meia dúzia de lugares, com cartão de crédito ou por transferência. O número de transferência pro InfinityProjects é dois-dois-oito-nove-sete-quatro-quatro. Anota aí. O dinheiro transferido é impossível de ser rastreado. O que a Corrente quer de você é a quantia de vinte e cinco mil dólares.

— Vinte e cinco mil dólares? Como é que eu...

— Não estou nem aí, Rachel. Procura um agiota, pega um

empréstimo, mata alguém pra conseguir o dinheiro... Não importa. Arruma um jeito. Você paga e aí passou pela primeira parte. A segunda é pior.

— O que é a segunda parte? — pergunta Rachel, alarmada.

— Você não é a primeira nem será a última. Você está na Corrente, um processo que existe há muito tempo. Eu sequestrei a sua filha pra que o meu filho seja libertado. Ele foi sequestrado e está em poder de um homem e de uma mulher que eu não conheço. Você terá que escolher um alvo e sequestrar um ente querido dessa pessoa pra que a Corrente continue.

— O quê?! Você é doi...

— Escuta. Isso é importante. Você vai sequestrar alguém pra substituir a sua filha na Corrente.

— Que história é essa?

— Você precisa escolher um alvo e manter um ente querido dessa pessoa sob seu poder até que o alvo pague o resgate e também sequestre alguém. Você vai fazer uma ligação igualzinha a essa à pessoa que escolher. O que eu estou fazendo com você é exatamente o que você vai fazer com o seu alvo. Assim que você sequestrar alguém e transferir o dinheiro, meu filho será libertado. Assim que o seu alvo sequestrar alguém e pagar o resgate, a sua filha será libertada. Simples assim. É assim que a Corrente funciona e vai ser assim pra sempre.

— O quê? Quem eu escolho? — pergunta Rachel, horrorizada.

— Alguém que não vá desobedecer às regras. Nada de policiais, políticos, jornalistas... esses estão fora de questão. Escolha uma pessoa que vá executar o sequestro, pagar o resgate, ficar de boca fechada e dar continuidade à Corrente.

— Como você sabe que eu vou fazer tudo isso?

— Se não fizer, eu mato a Kylie e começo de novo com outra pessoa. Se eu fizer merda, eles matam o meu filho e depois me matam. Não temos mais nada a perder mesmo. Presta atenção, Rachel: eu mato a Kylie mesmo. Agora sei que sou capaz disso.

— Por favor, não faz isso. Por favor, solta ela, estou implorando. De mãe pra mãe, por favor. Ela é uma menina incrível. Ela é tudo o que eu tenho nesse mundo. Eu amo demais a minha filha.

— Estou contando com isso mesmo. Você entendeu o que eu disse até agora?

— Entendi.

— Tchau, Rachel.

— Não! Espera! — grita Rachel, mas a mulher já havia desligado.

## 4

*Quinta-feira, 8:56*

Rachel começa a tremer. Está tonta, enjoada, sem rumo. Como na época do tratamento, quando deixava que a envenenassem e a queimassem na esperança de curá-la.

O barulho do tráfego não cessa à sua esquerda, e ela permanece sentada no carro, paralisada, parecendo um astronauta morto há muito tempo após a queda de sua espaçonave em um planeta alienígena. Quarenta e cinco segundos se passaram desde que a mulher desligou. Parecem quarenta e cinco anos.

O celular toca, e ela se assusta.

— Alô?

— Rachel?

— Sim.

— É a Dra. Reed. Nossa consulta é às nove horas, mas não há registro da sua chegada na recepção do prédio.

— Estou atrasada. O trânsito está ruim — diz ela.

— Tudo bem. É sempre um horror a essa hora. A que horas mais ou menos você deve chegar?

— O quê? Ah... não posso ir hoje. Não dá.

— Mesmo? Puxa vida... Amanhã é melhor pra você?

— Não. Essa semana, não.

— Rachel, a gente precisa conversar sobre os seus exames.

— Preciso desligar — diz Rachel.

— Veja bem, não gosto de falar sobre essas coisas por telefone, mas o seu último exame apontou níveis muito altos de CA 15-3. Precisamos mesmo conversar...

— Não posso ir. Tchau, Dra. Reed — diz Rachel, desligando o celular e vendo o brilho de um farol refletido no retrovisor.

Um agente da Polícia Estadual de Massachusetts, moreno e grandão,

desce da viatura e se aproxima do Volvo 240.

E ela ali, completamente perdida, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

O policial bate no vidro e, depois de hesitar por um instante, ela o abre.

— Senhora — começa ele, vendo que Rachel está chorando. — Humm, senhora, algum problema com o seu carro?

— Não. Desculpa.

— Bem, é que esse acostamento é só para casos de emergência.

*Conte para ele, ela pensa. Conte tudo para ele. Não, não posso, eles vão matá-la, vão mesmo. Aquela mulher é capaz disso.*

— Eu sei que não devia ter parado aqui. Estava ao telefone com a minha oncologista. É que... parece que o meu câncer voltou.

O policial entende. Assente lentamente com a cabeça.

— Senhora, acha que está em condições de dirigir?

— Estou.

— Não vou multar a senhora, mas peço que volte pra estrada, por favor. Vou parar o trânsito até a senhora voltar à pista.

— Obrigada.

Ela vira a chave na ignição, e o velho Volvo volta à vida resmungando. O policial interrompe o tráfego na pista de baixa velocidade e ela segue em frente sem dificuldade. Dirige por um quilômetro e meio e pega a saída seguinte. O hospital onde talvez pudesse se tratar fica ao sul dali, mas Rachel não está nem aí para isso agora. Nada é tão importante quanto trazer Kylie de volta. Kylie é o sol e as estrelas e o universo inteiro dela.

Ela pega a I-95, seguindo para o norte, forçando o Volvo como ele jamais foi forçado.

Pista de baixa velocidade, pista central, pista rápida.

Noventa por hora, cem quilômetros por hora, cento e doze, cento e vinte, cento e vinte e oito, cento e trinta.

O motor reclama, mas Rachel só consegue pensar: *Vai, vai, vai.*

O negócio agora é ir para o norte. Pegar um empréstimo. Comprar os celulares descartáveis. Conseguir uma arma e tudo o que for preciso para ter Kylie de volta.

*Quinta-feira, 9:01*

Tudo aconteceu muito rápido. Um tiro, e eles arrancaram com o carro. Dirigiram por quanto tempo? Kylie já não sabia mais. Talvez sete ou oito minutos até que, enfim, pegaram uma estrada secundária, seguiram por um longo caminho e pararam. A mulher tirou uma foto dela e saltou para fazer uma ligação. Provavelmente para sua mãe ou para seu pai.

Kylie está no banco de trás do carro com o homem. A respiração dele é pesada, ele xinga baixinho, soltando estranhos gemidos meio animalescos.

Atirar no policial claramente não estava nos planos deles, e o sujeito não está lidando bem com isso.

Kylie ouve a mulher voltando para o carro.

— Pronto. Está feito. Ela entendeu tudo e sabe o que tem que fazer — diz a mulher. — Leva essa garota pro porão que eu vou esconder o carro.

— Ok — responde o homem de forma subserviente. — Você vai ter que sair do carro, Kylie. Vou abrir a porta pra você.

— Pra onde a gente vai? — pergunta ela.

— Preparamos um quartinho pra você. Não se preocupe — responde o homem. — Você se saiu muito bem até agora.

Kylie sente o homem se debruçar sobre ela para desafivelar seu cinto. O hálito dele é azedo, nojento. A porta do seu lado se abre.

— Não tira a venda. Estou apontando uma arma pra você — diz a mulher.

Kylie faz que sim com a cabeça.

— Então, o que está esperando? Anda! — grita a mulher com voz histérica.

Kylie bota as pernas para fora do carro e começa a se levantar.

— Cuidado com a cabeça — murmura o homem.

Devagar, ela se põe de pé. Aguça os ouvidos para tentar identificar

algum barulho de trânsito ou qualquer outro ruído, mas não ouve nada. Nem carros, nem pássaros, nem as ondas do Atlântico. Estão bem longe do mar.

— Por aqui — orienta o sujeito. — Vou segurar o seu braço e levar você lá pra baixo. Não faça nenhuma besteira. Você não vai conseguir chegar a lugar nenhum, e nós dois estamos preparados pra te dar um tiro, ok?

Ela faz que sim com a cabeça.

— Responde — insiste a mulher.

— Não vou fazer nenhuma besteira — garante a menina.

Ela ouve uma tranca sendo desaferrilhada e uma porta sendo aberta.

— Cuidado, essa escada é velha e meio íngreme — avisa o homem.

Kylie desce a escada de madeira lentamente, enquanto o homem a segura pelo cotovelo. Quando ela chega ao fim da escada, sente que está pisando em concreto. Seu coração dá um salto. Se fosse um porão como o de sua casa, o piso seria de terra e areia. Daria para cavar e tentar sair dali, ao contrário daquele lugar.

— Aqui — diz o homem, conduzindo-a pelo cômodo. É um porão, obviamente. O porão de uma casa de campo, que fica muito longe de qualquer outro ser humano.

Kylie pensa na mãe e sente um nó na garganta. Pobre mamãe! Ela vai começar num novo emprego em breve. Mal começou a dar a volta por cima depois do câncer e do divórcio. Isso não é justo.

— Senta aqui — diz o sujeito. — Abaixa mesmo. É um colchão no chão.

Kylie faz o que o homem manda. Parece que o colchão está coberto com um lençol e um saco de dormir.

Ela ouve o clique da mulher tirando uma foto.

— Ok, vou subir pra mandar isso e checar o Wickr. Deus queira que eles não estejam furiosos com a gente — diz ela.

— Não fala que deu nada errado, não. Diz que saiu tudo conforme o plano — sugere o homem.

— Eu sei! — solta ela.

— Vai dar tudo certo — insiste ele, sem muita convicção.

Kylie escuta a mulher subir a escada de madeira e fechar a porta do porão. Ela está sozinha com o homem agora, o que a deixa assustada. Ele poderia fazer qualquer coisa com ela ali.

— Está tudo bem — fala ele. — Pode tirar a venda agora.

— Eu não quero ver o seu rosto — responde Kylie.

— Não tem problema, eu cobri a cabeça de novo.

Kylie tira a venda. Ele está de pé próximo a ela, ainda com a arma em punho. Ele havia tirado o casaco. Está usando calça jeans, um suéter preto e mocassins cobertos de barro e lama. É um sujeito grandalhão que aparenta ter entre 40 e 50 anos.

O porão é retangular, mais ou menos seis metros por nove. Há duas janelinhas quadradas cobertas com plantas do lado de fora. Piso de concreto, há um colchão no chão e um abajur ao lado. Deram para ela um saco de dormir, um balde, papel higiênico, uma caixa de papelão e duas garrafas de água grandes. O resto do porão está vazio, à exceção de um velho fogão de ferro encostado em uma das paredes e de um boiler no canto oposto.

— Você vai ficar aqui por alguns dias, até sua mãe pagar o resgate e fazer uma outra coisa. Vamos tentar deixar você o mais confortável possível. Você deve estar apavorada. Nem consigo imaginar... — Ele fica com a voz embargada. — A gente não é de fazer essas coisas, Kylie. Não somos esse tipo de gente. Estamos sendo obrigados a fazer isso. Você precisa entender.

— Por que me pegaram?

— Sua mãe vai te explicar tudo quando você voltar pra casa. Minha mulher não quer que eu converse com você sobre isso.

— Você parece mais legal que ela. Será que não poderia dar um jeito de...

— Não. A gente... nossa... a gente te mata se você tentar fugir. Estou falando sério. Você sabe que a gente é ca... capaz disso. Você viu. Ouviu. Aquele pobre sujeito... meu Deus do céu! Bota isso no punho esquerdo — manda ele, entregando-lhe um par de algemas. — De um jeito que você não consiga fugir, mas não tão apertado que possa te machucar... assim. Um pouco mais apertado. Deixa eu ver.

Ele toma seu punho, o examina e aperta mais a aljava. Pega então a outra aljava, prende-a a uma pesada corrente de metal, que por sua vez é presa, com cadeado, ao fogão.

— São quase três metros de corrente, então você vai conseguir se movimentar um pouco. Está vendo aquilo ali, perto da escada? É uma câmera. Vamos estar de olho em você mesmo quando não estivermos

aqui. A luz fluorescente estará sempre ligada pra que a gente possa ver o que você está fazendo. Então não tente fazer nenhuma besteira, tá?

— Tá.

— Tem um saco de dormir e um travesseiro pra você aí. Nessa caixa tem produtos de higiene pessoal e mais papel higiênico, biscoito salgado e livros. Gosta de Harry Potter?

— Gosto.

— Tem a série inteira aí. E mais umas velharias. Coisas pra meninas da sua idade. Eu sei do que estou falando. Sou prof... só coisa boa — diz ele.

*Sou professor? Era o que ele ia dizer?,* fica imaginando Kylie.

— Obrigada — diz então.

*Seja gentil, Kylie,* pensa ela com seus botões. *É melhor bancar a menina boazinha e assustada que não vai criar problema para eles.*

O homem se agacha ao seu lado, sem abaixar a arma.

— Estamos no meio da mata. No fim de uma estrada de terra. Se você começar a gritar, ninguém vai ouvir. Estamos num terreno enorme, cercado de vegetação. Mas, se começar a gritar, vou ver e ouvir pela câmera, e não vai ficar por isso mesmo. Se for o caso, terei que amordaçar você. E pra que você não tire a mordaca vamos ter que te algemar com as mãos pra trás. Está entendendo?

Kylie faz que sim.

— Agora bota os bolsos para fora e me dá seus sapatos.

Ela expõe os bolsos. Só tem dinheiro neles mesmo. Nada de canivete ou celular, que ficou caído na estrada, em Plum Island.

O homem se levanta e quase perde o equilíbrio.

— Jesus Cristo — diz para si mesmo, engolindo em seco. Sobe a escada balançando a cabeça, aparentemente perplexo e sem conseguir acreditar no que se meteu.

Quando a porta se fecha, Kylie se deita no colchão e suspira.

E começa a chorar de novo. Chora até não poder mais, volta a se sentar e olha para as duas garrafas de água. E se estiverem envenenadas? Estão lacradas ainda e são da Poland Spring. Ela bebe com avidez e de repente para.

E se ele não voltar? E se ela tiver de fazer essa água durar vários dias ou semanas?

Ela dá uma olhada na caixa de papelão. Dois pacotes de biscoito

salgado, uma barra de Snickers e uma lata de Pringles. Escova de dentes, creme dental, papel higiênico, lenços de papel e cerca de quinze livros. Há também um bloco de anotações, dois lápis e um baralho. De costas para a câmera, ela tenta abrir a tranca da algema com o lápis, mas logo desiste. Precisaria de um clipe ou alguma coisa do tipo. Então examina os livros. Harry Potter, J. D. Salinger, Harper Lee, Herman Melville, Jane Austen. Realmente, ele deve ser professor. E de inglês.

Ela bebe outro gole de água, pega um pedaço de papel higiênico e enxuga as lágrimas.

Deita-se no colchão. Está frio. Então se enfia no saco de dormir de um jeito que a câmera não consiga captar sua imagem.

Assim se sente mais segura.

Se não puderem vê-la, já é alguma coisa. O truque do Patolino. Se não te veem, você não existe.

E se estiverem mentindo com esse papo de não quererem machucá-la? A gente acredita nas pessoas até ver quem elas são de verdade.

E eles já mostraram quem são, não?

Aquele policial provavelmente está morto ou moribundo. Deus do céu!

Ao se lembrar do tiro, ela tem vontade de gritar. Gritar para que alguém venha ajudá-la.

*Socorro, socorro, socorro!* Ela move os lábios, mas não emite nenhum som.

*Meu Deus, Kylie, como isso foi acontecer? Todo mundo avisou: nunca entre no carro de um estranho. Nunca entre no carro com um estranho. Garotas desaparecem por aí o tempo todo e, uma vez desaparecidas, quase nunca voltam.*

Mas houve casos em que *voltaram*. Muitas desapareceram para sempre, mas algumas reapareceram. Às vezes elas voltam para casa.

Elizabeth Smart... era o nome da garota mórmon. Na entrevista, ela estava composta e tranquila. Disse que nessas situações sempre há esperança. Ela manteve a fé, o que lhe deu esperança.

Mas Kylie não tem fé nenhuma, o que, obviamente, é culpa dos imbecis dos seus pais.

Muito claustrofóbico aqui.

Ela se desvencilha do saco de dormir, com a respiração curta e acelerada, e olha em volta do cômodo de novo.

Será que estão mesmo vigiando-a?

Certamente no começo estavam. Mas às três da manhã? Quem sabe se ela arrastar o fogão talvez encontre um prego velho para destrancar a algema. O negócio é esperar. Manter a calma e esperar. Então pega o bloco de papel na caixa.

*Socorro, estou presa nesse porão, escreve, mas não tem ninguém para quem ela possa entregar o bilhete.*

Ela arranca a folha e a amassa.

Então resolve desenhar. Desenha o teto da tumba de Senemute, do seu livro sobre o Egito. E isso começa a acalmá-la. Desenha a lua e estrelas. Para os egípcios, a vida após a morte era nas estrelas. Mas não existe vida após a morte, certo? Vovó acredita nisso, mas só ela. Isso não faz sentido, não é? Se alguém te mata, você está morto e pronto. E daqui a cem anos pode ser que encontrem seu corpo na floresta, e ninguém nem vai lembrar quem você era ou que havia desaparecido.

Você vai ter sido apagado da história, como um desenho no Traço Mágico que a gente sacode.

— Mamãe — sussurra ela. — Me ajuda. Por favor, me ajuda, mamãe!

Mas sabe que ninguém virá socorrê-la.

## 6

*Quinta-feira, 9:16*

Ao voltar para casa em Plum Island, Rachel entra na cozinha e cai no chão. Não é um desfalecimento. Ela não desmaiou, só não consegue mais se manter em pé. E fica ali estendida no chão frio, feito um ponto de interrogação retorcido. Seus batimentos estão disparados, a garganta, apertada. Parece estar sofrendo um ataque cardíaco.

Mas ela não pode ter um ataque cardíaco. Precisa salvar a filha.

Rachel se senta e tenta respirar e pensar.

Eles disseram para não chamar a polícia. Provavelmente porque têm medo.

A polícia vai saber o que fazer, certo?

Estende o braço para pegar o telefone, mas se detém. Não. Não vai arriscar.

Não chame a polícia. Nunca chame a polícia. Se eles descobrirem que ela chamou a polícia, matam Kylie na mesma hora. Havia algo na voz daquela mulher. Um desespero. Uma determinação. Ela vai fazer o que eles mandarem e dar continuidade à Corrente escolhendo outra vítima. Essa história toda é inacreditável, uma loucura, mas, mesmo assim... a voz daquela mulher... parecia bem real. Era evidente que ela estava apavorada com a Corrente e seu poder e que acreditava naquilo.

*E eu também acredito, pensa Rachel.*

Mas Rachel não precisa passar por isso sozinha. Precisa de ajuda.

Marty. Ele vai saber o que fazer.

Ela aciona a discagem rápida do número de Marty, mas cai na caixa postal. Tenta de novo, mas acontece a mesma coisa. Passa os olhos pela lista de contatos e liga para o número da nova casa dele em Brookline.

— Alôôô — atende Tammy com aquela sua vozinha cantada.

— Tammy? — pergunta Rachel.

— Oi, quem é?

— É a Rachel. Estou tentando falar com o Marty.  
— Ele viajou.  
— Ah?... Pra onde?  
— Foi pra, humm, ééé... Qual é mesmo o lugar?  
— A trabalho?  
— Não. Você sabe... aquele lugar onde eles jogam golfe.  
— Escócia?  
— Não! Pra onde todo mundo vai. Estava todo empolgado.  
— Golfe?... Desde quando?... Ah, esquece. Olha só, Tammy, preciso falar com ele com urgência e não estou conseguindo no celular.  
— Ele foi com o pessoal da empresa. É um retiro, eles não estão com celular.  
— Mas onde é, Tammy? Por favor, tenta lembrar.  
— Augusta! Ele foi pra Augusta. Acho que tenho um número de contato aqui, se você precisar.  
— Preciso, sim.  
— Tá, calma aí, xô ver aqui. Pronto, achei.  
Ela diz o número.  
— Obrigada, Tammy. Preciso ligar pra ele.  
— Espera. Qual é a emergência?  
— Ah, não é nada. É um problema no telhado, está com uma infiltração. Só isso. Nada grave. Obrigada — diz ela e desliga.  
Então disca o número que Tammy lhe deu.  
— Gleneagle Augusta Hotel — atende a recepcionista.  
— Eu gostaria de falar com Marty O'Neill, por favor. Sou a... é... esposa dele e não lembro em que quarto ele está.  
— Humm, um momentinho... Setenta e quatro. Vou passar a ligação.  
A ligação é transferida para o quarto, mas ele não está lá. Ela liga outra vez para a recepção e deixa recado para que Marty retorne o contato assim que puder.  
Ela desliga e volta a se sentar no chão.  
Está atônita, pasma, horrorizada.  
Com tanta gente má nesse mundo com carma negativo, como isso foi acontecer justo com ela, principalmente depois do que passou nos últimos dois anos? Não é justo. E a pobrezinha da Kylie, uma menininha apenas, ela...  
O celular ao seu lado toca. Ela o apanha e olha para a identificação:

número desconhecido mais uma vez.

Ah, não!

— Ligando pro seu ex-marido? — pergunta a voz distorcida e assustadora. — É isso mesmo que vai fazer agora? Será que dá pra confiar nele? Entregar nas mãos dele a sua vida e a vida da sua filha? Espero que ele seja digno de confiança mesmo, porque, se ele disser alguma coisa a alguém, Kylie morre, e acho que teremos que matar você também. A Corrente sempre dá um jeito de se proteger. Melhor pensar um pouco mais antes da próxima ligação.

— Desculpa. Eu... eu não consegui falar com ele. Deixei uma mensagem. É só que... não sei se consigo fazer isso sozinha, eu...

— Talvez você seja autorizada a ter ajuda mais pra frente. Vamos informar um jeito de entrar em contato com a gente, e aí você vai poder pedir permissão. Por enquanto, se não quiser ter problemas, não fale com ninguém. Só arrume o dinheiro e comece a pensar num alvo. Você consegue, Rachel. Você se livrou muito bem daquele policial na estrada. Sim, a gente viu. E nós vamos ficar de olho em você até que isso tudo acabe. Então anda logo — diz a voz.

— Não consigo — protesta Rachel timidamente.

A voz suspira.

— Nós nunca escolhemos pessoas que precisam de acompanhamento constante. É muito exaustivo pra nós. Selecionamos pessoas proativas, autossuficientes. É o seu caso, Rachel. Agora, levanta desse maldito chão e vai à luta!

A ligação fica muda.

Rachel olha horrorizada para o telefone. Está *mesmo* sendo observada. Eles sabem para quem ela está ligando e tudo que está fazendo.

Ela deixa o telefone de lado, se levanta e vai tropeçando até o banheiro, como se estivesse saindo de um acidente de carro.

Abre a torneira e joga água no rosto. Não há espelho ali nem em nenhum outro lugar da casa, exceto no quarto de Kylie. Ela se livrou de todos eles por causa da visão terrível gerada por sua queda de cabelo. Claro que ninguém em sua família permitiu que ela cogitasse a ideia de que ia morrer. Sua mãe, a enfermeira, havia explicado desde o início que era um câncer de mama tratável em estágio 2A, que responderia bem a uma cirurgia de precisão, seguida de rádio e quimioterapia. Mas naquelas primeiras semanas, olhando-se no espelho do banheiro, ela se

via diminuindo, definhando.

Dar um fim nos espelhos tinha sido um passo importante na recuperação. Ela não precisava se obrigar a acompanhar sua transformação naquela terrível e esquelética aranha pálida dos piores dias da químio. Não se pode dizer que a recuperação foi exatamente um milagre: o índice de sobrevivência do estágio 2A em cinco anos era de noventa por cento, mas, de qualquer forma, você sempre pode cair nos dez por cento, não pode?

Ela fecha a torneira.

Que bom que não tem nenhuma droga de espelho aqui, pois o Reflexo Rachel a encararia com um olhar mortal e acusador. Deixar uma menina de 13 anos esperando sozinha num ponto de ônibus? Você acha que por acaso isso teria acontecido se Kylie estivesse com Marty?

*Não, não teria. Não no turno dele. Isso aconteceu quando ela estava sob sua responsabilidade, Rachel. Pois, vamos reconhecer: você é um fracasso. Eles estão totalmente enganados a seu respeito. Tragicamente equivocados. Começar no primeiro emprego de verdade aos 35? O que você andou fazendo até agora? Quanto potencial jogado fora! Corpo da Paz? Quem entra para o Corpo da Paz? Aqueles anos todos sem rumo com Marty, depois da Guatemala. Você indo trabalhar depois que ele finalmente decidiu que queria entrar para a faculdade de direito?*

*Você estava fingindo esse tempo todo. Mas não passa de uma fracassada, e agora a coitada da sua filha foi tragada para sua espiral de fracasso.*

Rachel aponta para o lugar onde o espelho costumava ficar. *Sua piranha burra. Eu queria que você tivesse morrido. Queria que estivesse nos dez por cento que morreram!*

Ela fecha os olhos, respira, conta de dez a um e volta a abri-los. Corre até o quarto e se troca, vestindo a saia preta e a blusa branca que comprou para dar aula. Coloca a jaqueta cara de couro, escolhe um par de saltos altos respeitáveis, passa a mão pelos cabelos e pega a bolsa a tiracolo. Junta os documentos financeiros, o laptop e o contrato de emprego do Newburyport Community College. Pega o estoque de cigarros que Marty separou para fumar durante o exame da Ordem dos Advogados e o embrulho fechado com o dinheiro da indenização pelas inundações. Vai até a cozinha, calça os sapatos e quase dá de cara com o exaustor. Então se ajeita, pega o celular e vai correndo para o carro.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A corrente"  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).